

COPEL

COPEL - HISTÓRIA

ANO XIII - Nº 81 - NOV/DEZ - 1981

INFORMAÇÕES

ANIVERSÁRIO DA EMPRESA | 3



Compondo a mesa que presidiu as solenidades, Edson Neves Guimarães, Secretário de Estado das Finanças; Maurício Schulman; Paulo Procopiak de Aguiar, Presidente, e os Diretores da Empresa.

**SEMINÁRIO INTERNACIONAL
COORDENADO PELA COPEL | 16**

**RETRATO DE USINA
FIGUEIRA | 10**

**ENSEMME DISCUTIU ENERGIA
E MINERAÇÃO | 15**

**MARINGÁ
EM DESTAQUE | 8**



**MENSAGEM DO
PRESIDENTE | 2**

MENSAGEM

O Natal e a proximidade de um novo ano representam oportunidade para que nos dirijamos a todos os que trabalham na COPEL, a fim de realçar os sentimentos que nos unem, como companheiros engajados no mesmo ideal: o de contribuir — com eficiência e espírito público — para o desenvolvimento econômico e a melhoria da qualidade de vida em nosso Estado.

Essa identidade de propósitos constitui, realmente, o principal alicerce sobre o qual se apóia tudo quanto temos conseguido alcançar. A caminhada que realizamos em 1981, embora marcada pelas dificuldades que todos conhecemos, foi, para todos nós, motivadora e gratificante, pois são expressivos os resultados que juntos atingimos. Superamos o marco da milionésima ligação, levando, assim, a cerca de quatro milhões de paranaenses, a energia indispensável à expansão das atividades produtivas e ao aumento da oferta de empregos.

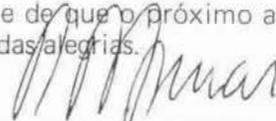
Ampliamos nossa atuação no Norte Pioneiro, com a incorporação da Companhia Hidro-Elétrica Paranapanema - CHEP, já tendo colhido os primeiros frutos de um programa de melhoria do atendimento nas dezenas de localidades que passaram a integrar a área servida diretamente pela COPEL.

Cumprindo as diretrizes de desenvolvimento social do Governo Ney Braga, implementamos dois programas especificamente voltados para as populações de menor poder aquisitivo: "Programa Social de Ligação de Consumidores" e "Programa Especial de Eletrificação Rural", assegurando a um maior número de pessoas, nos meios urbano e rural, o acesso à energia elétrica.

Neste ano, dobramos a capacidade geradora instalada da COPEL, com a entrada em operação da segunda e terceira máquinas da Usina "Governador Munhoz da Rocha". Também foi dado início efetivo às obras da Usina Segredo, próxima central geradora a ser instalada pela COPEL e cujo esquema financeiro também foi objeto de intenso trabalho.

Ao destacarmos esses resultados, dentre os mais significativos do ano, desejamos, sobretudo, ressaltar que se renovam as oportunidades de continuarmos a emprestar nossa colaboração ao trabalho coletivo em prol do progresso econômico e social do Paraná.

Não podendo fazê-lo pessoalmente a cada um, aqui expressamos os nossos agradecimentos pela cooperação recebida de todos os nossos companheiros, externando-lhes os mais afetuosos votos — extensivos aos seus familiares — de um Natal feliz e de que o próximo ano se ofereça pleno de novos êxitos e de reiteradas alegrias.



PAULO PROCOPIAK DE AGUIAR
Diretor Presidente

Reunido no dia 17 de novembro último, o Grupo de Estudos do Sistema Elétrico — GESE, apreciou extensa pauta de trabalhos, com especial destaque para a aprovação do Programa de Expansão do Sistema de Transmissão, período 1982/1986.

O GESE, constituído pelas Superintendências da Empresa — com grupos de estudos e trabalho — foi criado em janeiro de 1973, motivado pelas exigências a problemas decorrentes da expansão do mercado da COPEL, quando se tornou necessária uma atuação mais dinâmica, com perspectiva mais amplas de planejamento e integração das áreas responsáveis pelo planejamento, projeto, construção e operação dos sistemas de transmissão e distribuição de energia elétrica.



Aposentou-se no dia 14 de outubro, desligando-se de suas atividades na Empresa, o engenheiro Milton Martins Carneiro, Diretor de Operações da COPEL no período de 66 a 74, tendo sido, também, Diretor Industrial da UTELEFA — Usina Termelétrica de Figueira, de 61 a 63 e que, ultimamente, prestava serviços junto à Diretoria de Gestão Empresarial da Eletrobrás.

Carneiro foi admitido na COPEL em agosto de 1956, tendo sido também, durante sua carreira na Empresa, membro do Conselho Fiscal da Fundação COPEL.

COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA



COPEL

COPEL
INFORMAÇÕES

Boletim bimestral editado pela Assessoria de Relações Públicas — ARP
Editoria e Arte Rua Coronel Dulcídio 800, 10º andar — 80.000 CURITIBA PARANÁ
Editor Responsável Rubens R. Habitzreuter — CONRERP Nº 342

EMPRESA COMPLETOU 27 ANOS

Por ocasião do transcurso do seu 27º aniversário, em 26 de outubro, a Empresa homenageou os empregados que, durante o ano de 1981, completaram 25, 20, 15 e 10 anos de serviços.

As solenidades foram realizadas na Sede, Superintendências Regionais e Usinas da Empresa.

O DISCURSO DO PRESIDENTE

Meus companheiros de Diretoria,
meus amigos,
meus colegas e minhas colegas de COPEL

Esta festa de aniversário da COPEL, da qual participo pela primeira vez como Presidente, é uma festa muito especial e eu quis dar muita importância a ela; na semana passada, em companhia do Gouvêa e do Diniz, representando toda a Diretoria, eu tive oportunidade de participar de cerimônias iguais a essa, em Cascavel, em Maringá, em Londrina e em Ponta Grossa, ou seja, nas sedes das nossas Superintendências Regionais, e hoje a tarde também estarei participando da cerimônia na Superintendência Regional de Curitiba. Evidentemente, eu fiz isso por duas razões: uma razão é pessoal, porque para mim, como eu já tive ocasião de dizer no passado em outras cerimônias, estas cerimônias são extremamente importantes porque me dão uma medida daquilo que no dia-a-dia nem sempre nós podemos sentir, que é exatamente o espírito de união, o espírito de harmonia, a identidade que nós todos temos na COPEL. No entanto, eu considero que este sentido não pode ser chamado propriamente de egoísta, porque na verdade é o que pode existir em cada um de nós, de mais nobre em termos de identificação e participação em esforço comum. E também fiz esta viagem porque essas quatro cidades tiveram, e têm, uma importância extremamente marcante nas atividades da COPEL. Eu gostaria muito, se pudesse, de voltar aos idos de 1954 quando dessas quatro cidades muito pouco existia. Basta lembrar que Maringá, na época, tinha qualquer coisa como 25 mil habitantes. O Estado inteiro tinha 2 milhões e 800 mil habitantes. E eu gostaria de poder me colocar dentro do espírito de cada um daqueles que então já começavam na COPEL, para ver até que ponto existia ou poderia existir a consciência do que o Estado viria a ter, daquilo em que ele se transformaria e daquilo em que a COPEL, por sua vez, viria a se transformar.

Eu acredito que nada acontece por acaso. Eu acredito que todos nós moldamos realmente o nosso futuro em larga medida. Algumas circunstâncias nos condicionam, mas nós temos a capacidade de ultrapassar os limites do ambiente que nos cerca, de maneira a formá-lo e amoldá-lo de acordo com as nossas crenças, de acordo com as nossas opiniões. Então eu tenho certeza que, se pudesse voltar a 1954, eu iria encontrar na mente de todos aqueles que, naquela época, iniciavam a COPEL, a mesma coisa que hoje está na mente de todos nós; às vezes, nós não temos muita clareza dos caminhos a seguir. Mas nós temos certeza de que o nosso objetivo está claro. O nosso objetivo, o objetivo da Empresa, é o objetivo de bem servir, como disse o Milton, é o objetivo de prestar um serviço comunitário e de ser instrumento de promoção de justiça social que é, entre todas as condições do Estado, aquela que mais dignifica a função do Estado. Então, uma empresa pública que não tenha um profundo sentido de serviço e de ser parte dos mecanismos do Estado para a promoção de justiça social, é uma empresa pública que perdeu de vista o essencial na sua finalidade, coisa que, absolutamente, não acontece com a COPEL. Todos nós que aqui estamos, desde aqueles mais antigos até aqueles que hoje começam na Empresa, nos irmanamos, nos identificamos profundamente com esse sentido de serviço. Isso eu pude sentir em Maringá, em Londrina, em Cascavel, em Ponta Grossa e sinto agora, como vocês sentem, e tenho certeza de que vou sentir em todas as cerimônias dessa natureza das quais hoje vou ter o prazer de participar. O mundo realmente muda



muito e muda muito ligeiro. Vejam que Cascavel, que eu conheci mais ou menos em 1954, e que não era nada, hoje é a cidade sede de um programa de eletrificação rural que nós estamos lançando, onde nós vamos ligar mais ou menos 4 mil consumidores, num período, aí, de poucos meses.

Nós temos que comercializar 4 mil ligações novas, de área rural, só na Regional de Cascavel, ainda até o final deste ano. Em 1954, não preciso dizer qual era a situação de Cascavel como cidade. Se nós pensarmos em Maringá — Maringá foi a cidade-símbolo da COPEL — eu sempre me lembro dos primeiros relatórios da COPEL em Maringá, por ter sido a primeira cidade padrão COPEL.

Uma coisa que vai não apenas para Maringá de então, mas para muitas cidades de hoje e para muita coisa de bom que se faz nessa Empresa — e eu gosto de repetir essa expressão e tenho procurado repeti-la sempre — é bom que nós todos nos lembremos que nós somos responsáveis por um padrão COPEL. Então, em Maringá, que foi uma cidade símbolo, quanta coisa se está fazendo lá hoje! Londrina, capital do Norte, mas hoje especificamente recebendo um encargo extremamente importante, a partir da compra da CHLP que nós realizamos este ano, e da qual estou vendo alguns aqui, que nunca participaram — estou vendo especialmente aqui o Celso, que está se dedicando a isso — nele eu encaro todos os outros colegas que vão se dedicar, como diria o Heinz, ainda a esse trabalho. Está recebendo Londrina, hoje, o encargo de quase todos os municípios da área da CHLP, de vez que alguns vão para a SRP, que foi uma pequena cidade, eu me lembro, eu vi, hoje é uma das cidades do Paraná com que eu tenho mais contato. Mas houve um tempo em que a gente passava por perto de Ponta Grossa e achava que a cidade estava morrendo. No entanto, se você passa hoje por Ponta Grossa e se lembra que além de Curitiba é o maior centro de consumo industrial de energia elétrica do Estado, você vai ver quanta coisa se fez a partir daquela situação que existia antes. E, como eu disse há pouco, nada disso se fez por acaso, tudo isso foi fruto da decisão consciente de uma porção de gente, de uma porção de homens e mulheres, de que nós fazemos parte. E esta certeza de que nós fazemos parte é que me anima a pensar com absoluta confiança no futuro.

Hoje se diz muito que nós vivemos numa época de dificuldades, numa época de transição e apenas para quebrar um pouco, o que eu acho de transição é como eu li outro dia: dizem que quando Adão tirou Eva do Paraíso, ele disse para ela: "minha filha, nós vamos começar agora um período de transição". E nós estamos num período de transição desde então. Eu acho que realmente, a mudança, a renovação é parte da vida dos homens, e parte da vida da sociedade. A mudança é essencial. A mudança é natural; ela é benéfica. E esta certeza de que nós estamos diante de um processo dinâmico, dentro de um processo dinâmico, é que nos dá absoluta confiança no futuro. Porque as coisas apenas mudam. Elas não se tornam mais difíceis e nem mais fáceis, porque todos os problemas que nós temos a enfrentar, na verdade são problemas causados pelo homem e, portanto, problemas que podem ser resolvidos pelo homem, de vez que eu tenho convicção de que respeitado o limite da natureza humana, o homem pode ser tão grande quanto ele quiser.

E se a COPEL hoje é grande, se nós podemos hoje — como fez o Milton — comparar a COPEL talvez a maior árvore da floresta da comunidade paranaense, uma árvore profundamente enraizada neste solo, extremamente generoso, sem o que a COPEL não seria a árvore que é, ainda que a semente fosse boa, se a COPEL é hoje uma árvore que serve evidentemente de orgulho e exemplo — e que, às vezes, pode até despertar nas outras árvores da floresta um certo ciúme — evidentemente isso se deve ao fato de que a COPEL, boa semente em terra boa, mais do que tudo, teve cerne, e o cerne, é claro, é o trabalho de cada um de vocês. A coesão das fibras da árvore, a coesão das fibras da Empresa, a coesão de cada um dos empregados da Empresa ao longo dos 27 anos que passaram, e ao longo dos anos que virão, é que foi e serão o alicerce fundamental para que nós, hoje, possamos olhar com tranquilidade, com satisfação, com orgulho, com aquele orgulho sadio de quem tem brio, de quem sente que a partir do sentido de serviço e a partir de um trabalho dedicado, em união e respeito com os colegas, é exatamente isso que nós podemos apresentar à sociedade: uma grande árvore e uma árvore capaz de produzir muitos frutos.

Nós poderíamos conversar longamente. Haveria muita e muita coisa que cada um de nós gostaria de falar aqui. Como lembrança disso tudo, a Empresa viveu e cada um de nós viveu de sua parte, limitadamente, em termos pessoais, mas eu tenho certeza de maneira absolutamente plena, na medida do seu engajamento no desenvolvimento da Empresa, eu gostaria que nós nos lembrássemos e que levássemos daqui para o nosso trabalho, para a continuidade do nosso trabalho na Empresa, a seguinte convicção: "Toda vez que uma equipe de pessoas, como nós, se une para executar o trabalho, coração e competência, o resultado, forçosamente, deverá ser uma obra prima".

Felicidades a todos!



A missa em Ação de Graças

HOMENAGENS NA SEDE



PRESIDÊNCIA, DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO ENERGÉTICO, FUNDAÇÃO, CEHPAR E QPL



DIRETORIA ADMINISTRATIVA



DIRETORIA ECONÔMICO-FINANCEIRA



DIRETORIA DE ENGENHARIA E CONSTRUÇÕES



DIRETORIA DE OPERAÇÕES E US-GPS



DIRETORIA DE DISTRIBUIÇÃO



Aspecto das solenidades de aniversário da Empresa.

ENTREGA DE CERTIFICADOS EM PONTA GROSSA

Os empregados da área delimitada pela Superintendência Regional de Ponta Grossa integrantes dos quadros da SRP e CTRP, receberam das mãos do diretor presidente Paulo Procopiak de Aguiar, os certificados de tempo de serviço, em solenidade realizada no auditório da Universidade de Ponta Grossa.

Também participaram do ato os diretores, Carlos Eduardo Gouvêa da Costa e Antonio Soares Diniz, bem como os engenheiros Elmar Lopes e Manoel Lopes Ferreira Filho e ainda o anfitrião, reitor da Universidade local, professor Daniel Albach Tavares.

Procedendo a saudação do diretor presidente, usaram da palavra o engenheiro Antonio Carlos Peron chefe do DPRT/SRP, em nome dos homenageados, e também o diretor Antonio Soares Diniz.



No dia 26 de outubro, na Igreja do Rosário, dentro da programação de 27º aniversário da Copel, foi celebrada Missa de Ação de Graças.

ENTREGA DE CERTIFICADOS EM MARINGÁ



A mesa principal foi presidida pelo Eng. Paulo Procopiak de Aguiar, Presidente da Empresa, contando ainda com os Diretores Carlos Eduardo Gouvêa da Costa e Antonio Soares Diniz.



Homenageados de Maringá, reunidos no auditório da Biblioteca Pública Municipal.



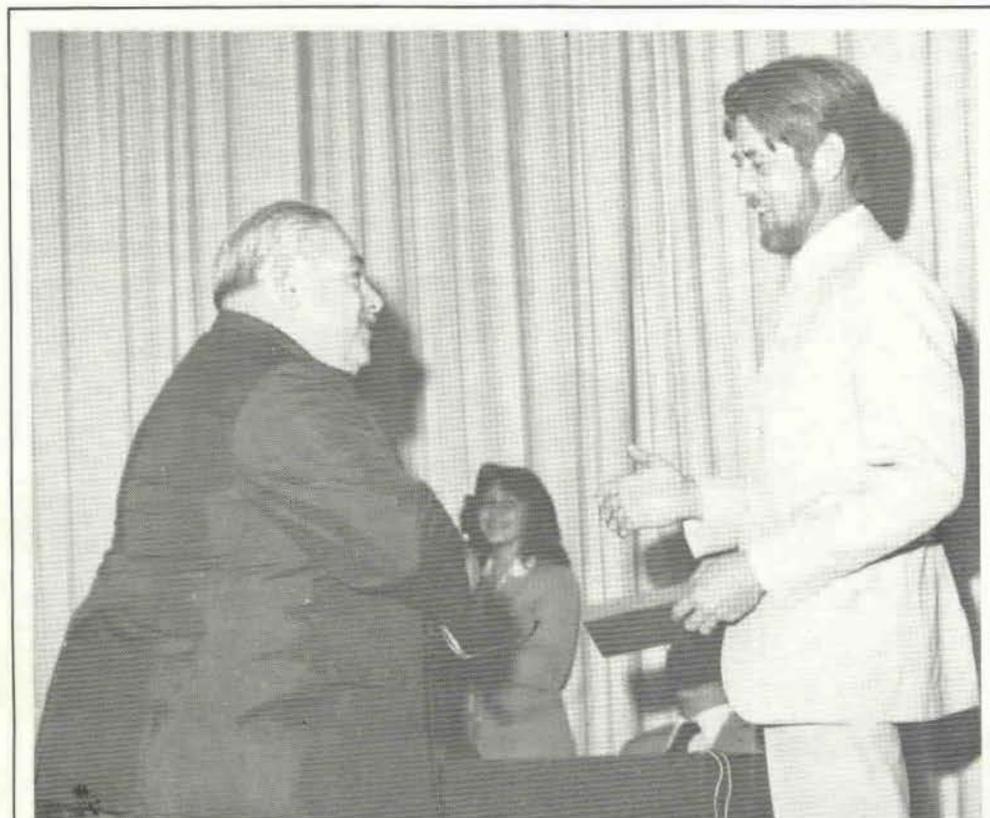
Discursa o representante dos homenageados, empregado Júlio Garcia.



O Presidente Paulo Aguiar presidiu a solenidade.



Pose especial de todo o grupo da regional.



Fazendo parte das solenidades, Heinz Nachmann, Presidente da Associação dos Aposentados da COPEL, entregou ao Presidente da Fundação, Osni Ristow, uma placa como homenagem da Entidade aos 10 anos da Fundação Copel.

À COPEL, a Associação entregou uma placa com a inscrição: "Que esta mensagem traduza com justiça a homenagem e o reconhecimento dos aposentados à COPEL, pelo apoio e incentivo sempre demonstrados para tornar realidade a Associação dos Aposentados".

FACILIDADES PARA PROJEÇÕES FINANCEIRAS

A SSP, implementou e tornou disponível para uso, através de rede de terminais, o Sistema de Projeções Financeiras-SPF, visando atender as projeções e análises financeiras da Empresa.

Este sistema desenvolvido na linguagem APL é totalmente conversacional e para a sua utilização não é necessário ter conhecimento prévio de processamento de dados. Isto torna este sistema uma ferramenta de extrema valia que pode ser usada pelos próprios gerentes e técnicos que estejam envolvidos direta ou indiretamente com análises financeiras ou planejamento de recursos.

Como exemplo de utilização podemos ter a elaboração das previsões orçamentárias, cuja consolidação das diversas alternativas pode ser obtida de forma rápida e eficiente.

ANIMAIS PEÇONHENTOS

A Assessoria de Ecologia da Empresa promoveu, recentemente, palestra à CIPA regional de JMF sobre animais peçonhentos, demonstrando metodologia adequada em caso de acidentes. Alvo de grande interesse por parte dos presentes, a palestra foram levados, para ilustração, exemplares de cobras, aranhas, escorpiões e outros, alguns vivos.

A palestra, da qual participou o especialista no assunto da Diretoria de Parques e Praças, da Prefeitura Municipal de Curitiba, Francisco Raimundo Cominese, sensibilizou a assistência, esclareceu e desvendou várias crenças regionais a respeito do comportamento desses animais e ensinou aos participantes as técnicas corretas para o atendimento de acidentados, técnicas que vão depender do tipo de veneno injetado.



REGISTRO

A Maratona Cívica 1981 do Estado do Paraná, promovida pela Secretaria da Educação do Estado, premiou com a segunda colocação na categoria 1º Grau, a redação de Edilson José Gabriel, filho do empregado José Gabriel, de Umuarama. Vencedor em sua cidade, na primeira fase, Edilson, estudante da Escola Tiradentes, acabou ficando com o segundo lugar na 2ª etapa da Maratona, esta de âmbito estadual, o que não deixa de ser um ótimo resultado, de vez que em todo o Brasil, milhares de estudantes estão participando da competição.

PERFIL DE U MARINGÁ - A NASCEU DE U



Esta era a Avenida Brasil, centro da cidade, no princípio da década de 50, logo após a implantação de postes exclusivamente para a iluminação pública.

Alguém já disse que Maringá é uma canção de amor, lembrando que a palavra canção brilha em toda parte, dá nome a empresa de ônibus, estação de rádio, estabelecimentos comerciais. O autor da famosa melodia e eternizados versos – Joubert de Carvalho – é nome de uma das principais ruas e sua memória é cultuada pelo povo de Maringá.

Nascida a golpes de machado nos meados dos anos quarenta, Maringá sintetiza a epopéia que caracterizou a conquista do Norte do Paraná. Sua história não é diferente da história das outras grandes cidades dessa região e narrá-la é traçar o quadro repetitivo já assimilado por todos os paranaenses efeitos ao estudo dos fenômenos que determinaram as novas faces do Paraná de hoje.

Deve-se dizer que a colonização dessa região começou por São Paulo, quando fazendeiros saíram à procura de solo novo para o plantio de café.

Pouco antes de 1930, quando já era conhecida a excelência dessas terras, um grupo de financistas britânicos fundou, na Inglaterra, a empresa colonizadora "Paraná Plantations", que, através de sua subsidiária "Companhia de Terras Norte do Paraná", adquiriu meio milhão de alqueires na região a Oeste do Rio Tibagi. Em 1929, como primeiro passo, essa companhia arrendou a estrada de ferro Ourinhos (SP)–Cambará e levou os trilhos em direção às suas terras, atingindo-as em 1932.

Com o advento da segunda grande guerra os ingleses venderam a companhia a um grupo de brasileiro, que, ato contínuo, adquiriu novas glebas na região. A empresa passou a chamar-se, então "Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná" que, para colonizar essa imensa área, adotou três princípios básicos: prosseguimento do eixo ferroviário de penetração; assentamento de núcleos básicos de colonização planejados para se tornarem grandes centros prestadores de serviços, a uma distância média de 90 quilômetros uns dos outros, na seguinte ordem: Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama; e divisão da zona rural em lotes médios e pequenos, todos servidos por água corrente nos fundos e estrada de acesso nas cabeceiras.

Todas as cidades foram cuidadosamente planejadas e, com essa característica, nasceu Maringá, projetada pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira para uma população de 200 mil habitantes. Em 1947 foi vendido o primeiro loteamento, verificando-se a fundação da cidade a 10 de maio daquele ano. A partir de então Maringá apresentou um crescimento vertiginoso, impulsionado basicamente pela dinâmica da expansão cafeeira no Norte do Estado.

Em 1950 a população local era de 7 mil habitantes; em 1960, 70 mil, dez vezes mais; em 1970, 125 mil; e no último recenseamento, em 1980, 170 mil habitantes.

Admirada por urbanistas e planejadores de todo o Brasil, Maringá é hoje não apenas uma das mais belas cidades do País mas também, e sobretudo, uma das que apresentam melhor índice de qualidade de vida, conforme levantamentos do Ministério do Interior. Ocorre para isso sua excelente infraestrutura de serviços públicos que garante vagas nas escolas a todas as crianças, o mesmo se sucedendo em relação aos cursos de nível médio e superior; que propicia abastecimento de água tratada a quase cem por cento da população e esgotos sanitários a aproximadamente 60 por cento; sua malha viária toda asfaltada e equipada com galerias de escoamento de águas; sua arborização, praças e parques inigualáveis; seus serviços de saúde descentralizados em postos espalhados pelos bairros; seu bem organizado sistema de transportes coletivos; seus centros sociais urbanos; suas dezenas de entidades assistenciais; seu grandioso patrimônio hospitalar; seus conhecidos recursos de lazer público.

Quem a vê hoje, ampla na horizontal, imponente na vertical, não consegue avaliar processo de transformação urbana desse porte em apenas três décadas. Afinal, são apenas 34 anos separando essa realidade do cenário selvagem e misterioso que cercava os indômitos pioneiros e seus peões abrindo picadas, derrubando um milhão de árvores, abrindo ruas, plantando casas e conquistando a certeza de um futuro melhor numa terra fértil e dadivosa.

Terceira cidade do Paraná em população e terceiro maior centro arrecadador de tributos. Em todos os aspectos mais importantes essa cidade só é superada pela Capital e pela cidade de Londrina.

Não fumegante, porque "nossa vocação não é ser cidade industrial, mas sim uma cidade com indústria", conforme as palavras de seu prefeito, Maringá se caracteriza ainda como centro de prestação de serviços e pólo de uma vasta região que abrange uma centena de Municípios, donde se originou sua força econômica pela centralização do comércio e exportação de toda a produção



Palmeiras imperiais, marca registrada de quase todos os logradouros públicos da cidade.



A natureza e o concreto não se agridem. Se completam.

MA CIDADE

A CIDADE QUE

MA CANÇÃO

agropecuária regional.

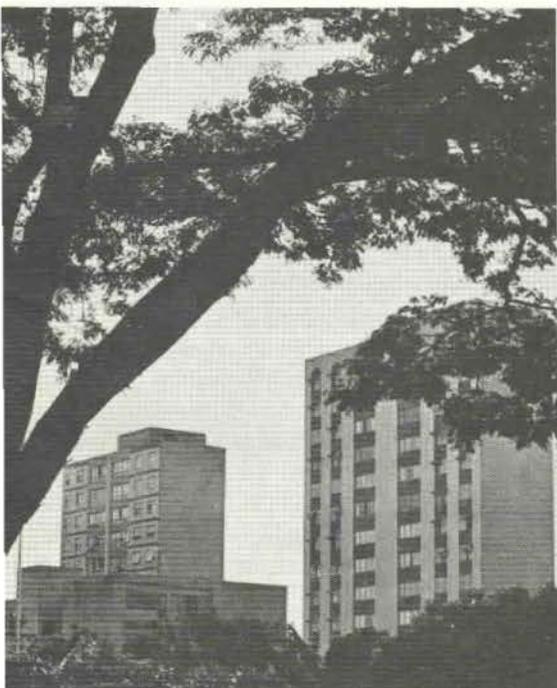
Possuidora de grandes áreas verdes, onde se incluem o Parque do Ingá e o Horto Florestal, verdadeiras reservas ecológicas equipadas de todos os requisitos para a visitação pública, e ainda outro Bosque não tocado em sua natureza bruta, Maringá é uma das poucas cidades brasileiras que pode se orgulhar de possuir verdadeiros pulmões verdes que lhe permitem respirar melhor. Ao lado disso todas as suas amplas ruas e avenidas são arborizadas com espécies nativas e exóticas. É o centro urbano com maior índice de área verde por habitante, em todo o País.

Sua pujança transcende aos aspectos meramente econômicos e paisagísticos, ao se qualificar também como centro cultural. Sua Universidade possui quase todos os cursos de nível superior e reúne estudantes de todos os quadrantes do Paraná e de vários outros Estados.

A cidade é sede de Arquiocese e sua Catedral Metropolitana, em forma cônica, com 124 metros de altura, é um verdadeiro monumento a atestar a fé e religiosidade de seu povo.

Contando com uma estação própria de televisão, seis emissoras de rádio, dois jornais diários, duas revistas mensais e um número regular de publicações avulsas, Maringá alcança projeção satisfatória para os seus valores, para as conquistas de sua gente, suas festas, suas exposições-feiras anuais, suas promoções culturais e, principalmente, suas vitórias nos campos esportivos.

O festejado compositor Joubert de Carvalho, ao criar "Maringá" como a música - lamento dos retirantes nordestinos, jamais poderia imaginar que sua obra daria nome a cidade tão importante. Ao dela tomar conhecimento, anos mais tarde, passou a ser seu visitante assíduo e foi homenageado como um de seus cidadãos beneméritos. Joubert já não compunha músicas nos últimos anos. Mas, como que antevendo a iminência de seu fim, mais uma vez deu asas à sua imaginação poética e compôs a obra "A Cidade Que Nasceu de Uma Canção", uma homenagem à gente maringaense.



Maringá, 34 anos. Ampla na horizontal, imponente na vertical.

A COPEL EM MARINGÁ

Durante 18 anos Maringá foi o maior centro consumidor entre os atendidos pela COPEL. Em primeiro de agosto de 1956 a cidade teve seu sistema de distribuição de energia elétrica transferido à Empresa. Na prática, a COPEL nascia naquele dia como fornecedora de energia, pois foi a partir de então que iniciou seu processo de consolidação, não obstante tivesse sido fundada quase dois anos antes.

Maringá foi laboratório, como também foi carro-chefe para a Empresa. As duas cresceram juntas e nos primeiros anos aprenderam a se tolerar. A COPEL com suas deficiências técnicas de então, sua falta de recursos e ainda operando equipamento obsoleto herdado de outros. A cidade, por sua vez, impaciente, exigindo melhor serviço e frequentemente realizando passeatas contra a Empresa que, não raramente, terminavam com enterro simbólico à luz de velas, não pela rigidez do ritual mas porque a falta de energia assim determinava.

Essa situação prolongou-se de 1956 a 1960.

A cidade, mesmo com energia deficiente, alcançou nesse período seus índices mais expressivos de desenvolvimento. A COPEL, de seu turno, pouco evoluiu. Tanto assim que em 1960 atendia a 14 localidades apenas, sendo as mais importantes, além de Maringá, as cidades de Apucarana, Paranaguá e Campo Mourão.

Depois de 1960 a situação melhorou. A Empresa firmou-se e pode lançar um programa estadual de eletrificação de grande alcance, fincando as raízes de tudo o que hoje existe. E como compensação a Maringá, passou a dedicar

atenções a essa cidade jamais dedicadas a qualquer outro centro consumidor, durante vários anos.

Somente a partir de 1974, quando se iniciou a fase de incorporações de outras empresas concessionárias que atuavam no Paraná, é que Maringá deixou de ser o principal centro consumidor de energia elétrica da COPEL.

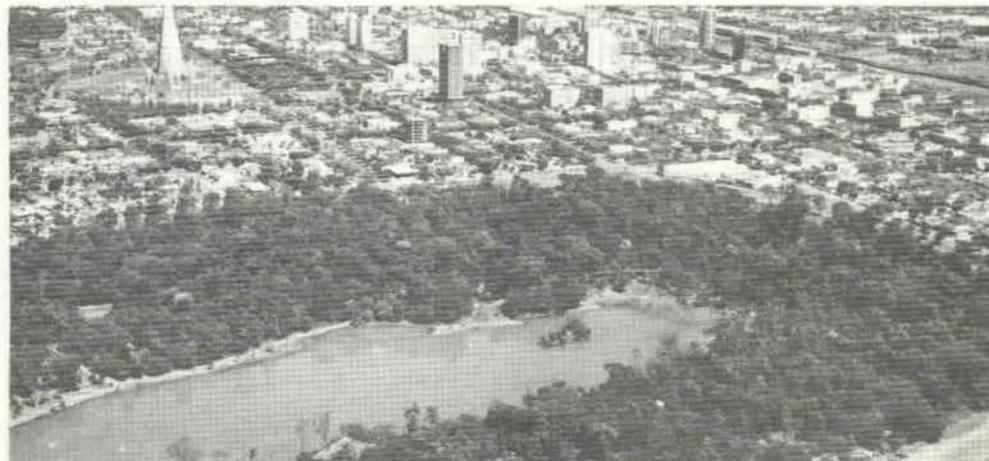
À velha usina a diesel, que invariavelmente funcionava à custa do fornecimento "fiado" de combustível pelo Sr. Alfredo Maluf, adicionou-se nos primeiros anos da década de 1960 o reforço de unidades geradoras móveis, também a diesel, que durante muito tempo ficaram estacionadas bem no centro da cidade, logo atrás da Catedral.

Aquelas unidades, mais parecidas com vagões ferroviários pintados de verde, simbolizavam o fim da fase do pioneirismo e da improvisação, pois logo em seguida a COPEL foi buscar em São Paulo, através de novas linhas, toda a energia de que a cidade e a região necessitavam. A rede de distribuição foi ampliada. Veio a primeira grande subestação no Jardim Alvorada. E assim os vestígios dos tempos de tolerância mútua foram aos poucos desaparecendo.

Não fosse o velho prédio da usina diesel dos anos cinquenta, hoje servindo para abrigar os setores de manutenção de linhas do CTRM e de linha-viva da SRM, praticamente nada se encontraria hoje na cidade para testemunhar aqueles tempos difíceis.

Sede de uma Superintendência Regional e de um Centro de Transmissão, Maringá hoje concentra uma boa parte da estrutura mantida pela Empresa no interior do Estado.

Maringá e a COPEL ajudaram-se mutuamente nos primeiros passos. Nenhuma deixa por menos...



Vista aérea do Parque do Ingá, ponto obrigatório de visitas em Maringá. Outras duas áreas verdes como essa estão também incrustadas na área urbana.

USINA DE FIGUEIRA

ASPECTOS EM PROSA E TRABALHO

Já disse alguém, uma vez, que a História é composta de diversos pequenos registros. Dentro de uma entrevista informal como esta, povoada de pequenos registros, encontramos algo a respeito da história da Usina de Figueira, contada pelas próprias pessoas que ajudaram a fazê-la.

Aqui a história começa bem antes da sua inauguração, em 8 de abril de 1963. Antes mesmo de serem instaladas as unidades geradoras da Usina e de serem erguidas suas duas imponentes chaminés, de 40 metros de altura cada uma, visíveis a quilômetros de distância. A história começa, precisamente, em 1945, ano em que chegou à região João Hiareck, pioneiro e desbravador, que antes de atingir a atual condição de mecânico de manutenção da Usina trabalhou como pedreiro e encarregado nas obras civis, e antes ainda na construção da estação ferroviária de Lisímaco Costa, hoje desativada e que serviu de ponto de desembarque para outros pioneiros, atraídos pela possibilidade de trabalho em Figueira.

As obras civis da Termelétrica, iniciados em maio de 1959 e terminadas quatro anos mais tarde, marcaram a chegada daqueles que, hoje, são os mais antigos copelianos em Figueira, como Cassemiro Wuriyby que desembarcou, em janeiro de 1961, na mesma estação de trem que João ajudara a construir. Cassemiro veio com mais seis amigos, que logo voltaram à origem, derrotados pelas agruras da região, e venceu, e ficou, passando depois para a UTEFLA e, em seguida, para a COPEL, de onde não pretende sair.

Segundo contam, houve época em que trabalhavam nas obras civis da Termelétrica "um número exageradamente grande de pessoas, mas era porque entrava gente nova todo dia, e na manhã seguinte, tinha outro tanto indo embora; era gente que não aguentava o frio que fazia, e bem cedinho punha o pé na estrada, de retorno".

Já Ismael Martins, há sete anos em Figueira, não é, propriamente, um dos pioneiros da região, mas é o mais antigo na COPEL, em atividade na Usina: sua entrada na Empresa - 1959 - coincidiu com o início das obras da Usina, da qual é hoje o administrador. E a partir da reunião dessas três pessoas, o COPEL Informações traça um perfil da história da Usina Termelétrica de Figueira, sintetizando as opiniões e experiências de cada um, dentro do processo evolutivo dessa comunidade, que mantém em funcionamento a única Usina, dentro do sistema da COPEL, a utilizar o carvão mineral como fonte de geração de energia elétrica.

CI - João, você é o mais antigo na região. Como foi sua chegada?

JOÃO - Cheguei na região em 1945, quando já terminava a II Guerra Mundial; há quem pense, com isso, que vim me esconder aqui para não ser recrutado, mas não é nada disso! A verdade é que nos meus bons tempos, sempre aceitei grandes desafios, e por isso vim para cá, com a cara e muita coragem. Na época, eu trabalhava na construção da estação ferroviária de Lisímaco Costa, na mesma empresa que, mais tarde, construiu também a Usina de Figueira. Lembro que ao chegar, o distrito



Do alto dessas chaminés, a 40 metros, vós contemplais...

de Figueira - pegadinho aqui à Usina - resumia-se a quatro casinhas, perdidas no meio do mato, e gente era o que menos tinha. Depois que terminamos a estação, desliguei-me da firma, casei-me com a Maria Terezinha ("Dona Negrinha") e fui morar em Curitiba, onde trabalhei em diversas construções. Mais tarde, precisamente em 5 de maio de 1959, voltei para cá e entrei de novo na SOTELO, que iniciava a construção da Usina. Quando vim em 1945, Curitiba ainda chamava-se Caeté, e Ibaiti não era Ibaiti: era Barra Bonita.

CI - E os tempos de construção, como foram?
JOÃO - Tinha época em que trabalhavam na obra uns 800 peões, e então era uma bagunça: havia briga todos os dias, era gente demais, e sempre tinha dois ou três descontentes, insatisfeitos. Uma vez até, havia 36 pedreiros trabalhando num mesmo local, para erguer paredes dentro de um espaço de 15x15. Depois de uns tempos, eu fiquei como encarregado dos pedreiros, pois não havia ninguém, especificamente, para fazer este serviço. E um dia, chega um engenheiro de São Paulo na obra, com o nariz muito empinado, e inventa de fazer determinações no meu serviço: nós nos preparávamos para cair algumas paredes quando ele chegou, e mandou os pedreiros abrirem 5 sacos de cimento, jogar tudo em um tambor, misturar com água e deixar adormecer, "para ficar melhor de trabalhar no dia seguinte". Como ele era engenheiro, não falei nada, e no dia seguinte o cimento já estava endurecido; tinha virado pedra, e a construtora perdeu o cimento, o tambor e o engenheiro, que ao ver a burrada que fez, nunca mais apareceu na obra. Teve, também, um outro episódio dos tempos da SOTELO, relacionado com o excesso de gente na obra da Usina: tinha um fiscal da empresa, o "velho" Gama, que sondava continuamente o serviço de todo mundo, e tinha o costume de dar palpites, geralmente errados. Eu estava trabalhando na construção de um compartimento meio grande, que tinha uma escada dupla meio escondida, e eu levei um mês sem pegar na ferramenta, só "engrupindo" o velho: quando ele descia para fiscalizar o andar de baixo, eu subia e ficava passeando em cima; quando ele

subia, eu descia de volta.

CI - E o Cassemiro, como veio parar aqui?
CASSEMIRO - Meu caso já foi um pouco diferente: eu morava em Ponta Grossa e um dia, lendo o jornal, achei um anúncio da SOTELO pedindo gente para trabalhar na construção da Usina; interessado, juntei mais seis amigos e resolvemos tentar a sorte aqui, como fizeram tantos outros. Os primeiros tempos foram, realmente, bastante difíceis: tirando o trabalho, não se tinha mais nada o que fazer. Isso aqui era um lugar totalmente isolado do mundo, e o frio que fazia à noite era de matar: chegava a zero grau; grande parte do pessoal debandava de manhã, cedinho, levando até mesmo o cobertor que a construtora emprestava. Inclusive, dos seis que vieram comigo, só eu fiquei. O resto voltou.

CI - Casado aqui?

CASSEMIRO - Sim, em 62. Minha mulher é a Maria Quintilhana, mais conhecida aqui na Usina por "Bugra", muito embora ela não seja índia. O pessoal aqui é muito engraçado quando bota apelido na gente. O do João, por exemplo, é "Rolamento", talvez porque ele converse muito. Todo dia, na guarita da entrada da Usina, junta um grupinho para bater papo; se a rodinha estiver animada, pode ter certeza de que o João está lá.

CI - Todos aqui têm apelido?

CASSEMIRO - Acho que sim, por estarmos dia e noite juntos, formando praticamente uma única família, onde o problema de um é problema de todos; a convivência dá certa liberdade ao pessoal, principalmente nesse aspecto de apelidos. Aqui, por ter muita mistura de cor, há diversos apelidos como "Juca Preto", "Mané Polaco", "Marrom", e tem também o "Cinzento". O meu é "Polaco", só. Tem também muito apelido de bicho, como "Tartaruga", "Tatu", "Capivara" e outros.

CI - Você, Ismael, o que fazia na COPEL antes de ser o administrador de Figueira?

ISMAEL - Eu entrei na Empresa mais ou menos na mesma época em que começavam as obras da Usina, em 24 de dezembro de 1959, e levei bastante sorte, pois no meu primeiro dia de serviço só trabalhei meio expediente - no dia seguinte era Natal. Nessa época, eu estava ainda na condição de contratado, no antigo DPME - Departamento de



Casemiro, João e Ismael.

Engenharia, e trabalhava no almoxarifado de Morretes. Fiquei lá até 62; de lá fui para o almoxarifado de Cascavel, onde fiquei até 67; fui para Paranaguá, a seguir, e de lá – em 2 de março de 1974 – vim para Figueira, também no almoxarifado. Em 78, passei a administrador, tendo sido, durante 77 e 78, “prefeito” da nossa comunidade aqui da Usina. Fui o primeiro “prefeito”, eleito pelos companheiros em votação secreta.

CI - Dizem que por estas redondezas há muita cobra ...

CASSEMIRO - Ah, sobre isso quem pode falar é o João, um dos maiores matadores de cobras de todo o Norte do Paraná.

JOÃO - Realmente tem um pouco de verdade nisso. Já matei muita cobra por aqui. Mas tem outros que também já pegaram muitas: há menos de um mês, uma urutu - cruzeiro de uns 12 metros, muito venenosa foi encontrada por uns companheiros, que deram cabo dela. Na frente, aqui, do hotel, eu mesmo peguei uma cascavel de uns dois metros; matei a bicha na pedrada, e tirei o guizo, que hoje está enfeitando uma parede aqui da Usina. Mas tem um negócio curioso nisso tudo: o pessoal da Usina é louco por carne de cobra; tiram o couro e fritam toda cobra encontrada aqui. Dizem que é muito bom, mas eu nunca comi. Falam que é igual a carne de peixe, mas comer eu não tenho coragem. Matar, eu mato; mas não como. Cobra é uma praga: aqui na fazenda do lado, numa semana morreram cinco vacas, todas por picada de cobra.

CI - E nunca aconteceu de uma pessoa daqui ser picada?

JOÃO - Sim, há muito tempo. Um senhor, também dessa fazenda vizinha, estava carpindo debaixo da Linha de Transmissão quando, de repente, sentiu uma dor no pé direito e levantou-o do chão; a cobra estava praticamente grudada no seu pé, tendo as presas atravessado a botina que ele usava, cravando-se no peito do pé. Parecia ser uma urutu; tanto a cobra como o velho sobreviveram (sic).

CI - A COPEL modificou algo na vida de vocês?
CASSEMIRO - Mudou muito, para melhor. É que a UTELF A era uma empresa particular, que tinha interesse apenas aqui, lidava só com isso. Então, nossa perspectiva profissional era muito restrita, pois nossa importância,

como unidade geradora de energia, nunca ultrapassaria seu próprio âmbito. Já a COPEL pode nos assistir melhor, e além de incorporar as vantagens que nós tínhamos no tempo da UTELF A, ainda acrescentou mais algumas.

ISMAEL - Quando a Usina passou para a COPEL, tudo já estava caminhando direito; a Usina operava normalmente, e o pessoal já era selecionado. Só ficaram os “civilizados”, que cinco anos depois de entrarem na UTELF A fizeram novo teste para a COPEL. Com a debandada dos “bandoleiros”, toda a região começou a prosperar, sendo que o distrito de Figueira só começou a se desenvolver depois da inauguração da Termelétrica. Ou seja, além de gerar energia, esta Usina gerou uma cidade.

CI - Além da Usina, o que mais tem por aqui?

JOÃO - Olha, quem mora por aqui só é pobre porque não quer ser rico. Como eu. Aqui tem ouro, urânio, diamante...

ISMAEL - Isso é verdade; tinha um empregado daqui que, nas horas vagas, trabalhava de ajudante de garimpeiro, e deve ter conseguido alguma coisa, pois pediu demissão e nunca mais deu as caras.

JOÃO - Um caso parecido aconteceu há algum tempo: um garimpeiro, ainda na época da construção da Usina, trabalhava o dia inteiro, algumas vezes à noite, aqui na beira do rio do Peixe, e nunca achava nada. O mestre-de-obras da empreiteira, que era muito curioso, vivia sondando o trabalho do garimpeiro e certa noite, depois do expediente, foi conversar com o garimpeiro e encontrou-o dormindo ao lado da bateia e de um monte de cascalho. Não podendo conversar, foi mexer no monte de pedras, e não é que ele encontra um diamante?

CI - E o mestre-de-obras, avisou o garimpeiro?

JOÃO - Que nada! Enquanto o velho roncava, o mestre-de-obras saiu de fininho, com o diamante no bolso. Pelo que sei, o garimpeiro nunca soube do achado do outro.

CI - E o futuro dessa região, vai ficar sempre na dependência da Usina?

JOÃO - Nada! Pelo que a gente está sabendo, a Nuclebrás vai aportar por aqui para começar a extrair urânio. Acharam uma jazida meio perto daqui, e logo um pessoal novo vai começar a chegar.

CI - Em quantos vocês são aqui na Usina?

ISMAEL - Empregados, 124, mais 33 contratados para serviços de zeladoria. Somando tudo, empregados e famílias, vivem dentro da Usina cerca de 400 pessoas, ou mais. Desse total, 90% mora em casa da Companhia, aqui mesmo na Usina (são 90 casas), e o restante tem propriedade no distrito – então eles vêm para o trabalho e depois voltam. Como infra-estrutura de serviços básicos a esta coletividade, a Usina dispõe, dentro dos seus 19 alqueires de terras (apenas 1% de área construída), de uma capela, granja com criação de porcos (e futuramente, galinhas), horta (compra-se muito pouco fora em verduras), hotel (com capacidade para 30 pessoas), e jardim de infância e escola (de 1ª a 8ª séries), onde estudam 314 crianças, não só da Usina como do distrito de Figueira. Temos, também, uma biblioteca volante, onde nos é remetida uma caixa de livros de 15 em 15 dias; depois que os interessados lêem, é devolvida e recebemos uma nova. Os livros são da biblioteca do SESI, que faz chegar os livros através da Fundação COPEL.

JOÃO - Fora os livros, a maior opção de lazer é o futebol. Sabe que por aqui tem uns crioulos bons de bola, daqueles que batem o escanteio para cima com tanta força, que dá tempo deles correrem na venda, tomar um trago, e ainda voltar antes da bola bater no chão de novo.

CASSEMIRO - Quem gosta de pescar, vai pescar. Mas quem fica por aqui, não faz nada. Ou não faz nada vendo televisão.

ISMAEL - Eu, por exemplo, tenho uma criação de curios. Agora eles não cantam, pois é época de trocarem as penas.

JOÃO - (interrompendo) - Ele já conseguiu um curió de 3 quilos e meio; cruzou com peru.

ISMAEL - Criar curios é uma arte que exige paciência e pleno conhecimento de todos os macetes. Por exemplo: não é qualquer fêmea que aceita um determinado macho,

e vice-versa; tem de ir experimentando; não deu certo, troca o par. Outro: quando o “curiuzinho” nasce, deve-se ensinar a fêmea a alimentar o filhote.

JOÃO - Não esqueça de falar das carpas!

ISMAEL - É verdade: junto com um colega, eu conservo uma ceva para carpas aqui no rio, acima um pouco, num ponto em que a fundura chega a uns 9 metros. Pescar carpa também é uma arte, que exige tanta paciência quanto os curios: é preciso cevar, com mandioca, durante a primavera; é preciso saber a fase da lua, grossura da linha, tipo de anzol, chumbada, massa, hora, temperatura dentro e fora da água, e uma série de pequenos detalhes que podem significar o sucesso ou fracasso de uma pescaria.

JOÃO - Uma das carpas que o Ismael pescou pesava uns 12 quilos.

CASSEMIRO - E não foi a maior pescada aqui em Figueira: o sócio do Ismael, o Antonio Reis, foi quem pescou a maior, que devia ter quase 18 quilos.

ISMAEL - Eu fico abismado em saber que tem gente que consegue pescar carpa com minhoca no anzol. A mim, parece impossível.

CI - E o Casemiro, o quê faz nas horas vagas?

CASSEMIRO - Eu gosto muito de caçar, cuidar da minha horta e dos meus passarinhos. Tenho oito: dois canários-da-terra, um curió, um coleiro e quatro bigodinhos. Aliás, os bigodinhos estão em extinção, como os curios. Fora essas coisas que a gente mesmo inventa, pouco mais há que fazer: cinema, só aos domingos, no clube. Ir à cidade, não compensa: enfrentar essa estrada toda (22 quilômetros até Ibaiti), de terra, para chegar lá e também não ter o quê fazer, não vale a pena. Então, ficamos por aqui, mesmo.

UMA HISTÓRIA DE GE(RE)NTE

É bem possível que tenha sido em Matinhos a pesca do camarão mais caro do mundo: — "O Ari, um dos nossos aqui na Agência, comprou uma tarrafa de mais de 500 cruzeiros, e saiu todo satisfeito para a pescaria, inclusive fazendo 'farol' para os companheiros; afinal, nenhum deles tinha uma tarrafa como aquela. No fim da festa, voltou o Ari, com apenas um (01) camarão no samburá: o camarão de seis milhões de dólares".

A história quem conta é Getúlio Pereira de Araújo, 40 anos, três filhos, gerente da Agência da COPEL em Matinhos, na cidade há dois anos e meio, há 17 na Companhia. Responsável pelo atendimento direto a mais de 5 mil consumidores, domiciliados na área de abrangência de Matinhos — delimitada pelo cais do "ferry boat" de Caiobá até a Praia das Gaivotas —, Getúlio só vem enfrentando um problema nesse seu tempo de litoral: — "A maresia, que corrói grande parte do material, e obriga a uma constante vigilância, a uma cuidadosa manutenção, para que o fornecimento não seja comprometido".



Getúlio, o gerente da Agência.



Parte da equipe de Matinhos: da esquerda para a direita, Isac, é o segundo; Getúlio, o quarto.

Chefiando uma equipe de oito pessoas, Getúlio acredita que tem sido boa a participação da COPEL no desenvolvimento do turismo no litoral paranaense, tese esta corroborada e avalizada pelo Isac Rodrigues de Melo, electricista da Agência há 12 anos, que, segundo conta, já chegou em Matinhos trabalhando:

— "O ônibus estava chegando aqui em Matinhos, e eu só observando pela janela. Tão logo ele parou na 'rodoviária' (naquele tempo era 'rodoviária' mesmo!) eu saltei e já saí emendando fios. A situação estava preta; quando chovia, caía tudo". A explicação para o fato, segundo Isac, é lógica: — "Naquele tempo — quando nem asfalto tinha da estrada principal (a BR) para cá, e muito menos dentro da cidade — tudo era mais difícil: a grande área que o pessoal tinha de cobrir (a mesma abrangida pela Agência, hoje) era uma das barreiras; outra era a existência de um único veículo para tudo: o serviço de emergência tinha de ser executado a pé, quando era perto, ou em veículo providenciado pelo próprio interessado, se acaso o veículo da Agência já estivesse ocupado; e mesmo assim, de nada adiantariam mais veículos, pois não havia estradas: na maioria das vezes, o único caminho possível era a faixa de areia da praia. E quando chovia, e mesmo essa faixa de areia ficava intransitável? Perdi as contas das vezes em que ficamos encahalados com o carro na areia, em dias de chuva. Se pensarmos tudo isso, concordaremos que, realmente, era difícil prestar um bom atendimento nessas condições, não é?"

Hoje, a realidade é outra: com uma Subestação de 6.000 kVA respondendo pelo suprimento a toda essa área, asfalto em quase todas as vias públicas, e automóveis e pessoal para dar conta do serviço, Getúlio tem menos dores de cabeça: de vez em quando, até lhe sobra um tempinho para tentar "bolar", juntamente com os demais companheiros, um estatuto para o Grêmio de Copelianos do litoral que pretende fundar, com a ajuda do pessoal do Grêmio já existente em Paranaguá: — "O estatuto já está quase pronto; a gente está mais ou menos encahalado é na escolha do nome para o grêmio. Como é difícil batizar um clube!"

ACONTECEU

O "38" DE BANDEIRANTES

"O povo não via a hora em que a COPEL entrasse aqui na região". Esta frase, ouvida em Siqueira Campos, foi repetida em todas as cidades agora incorporada pela Empresa, pelo próprio pessoal que lá trabalha. A justificativa é que a CHEP não tinha mais para onde crescer; já tinha dado o máximo, e a região estava exigindo cada vez mais, para poder continuar crescendo. E a chegada da COPEL só trouxe alegrias; um electricista de Wenceslau Braz retratou bem o espírito de todos: "Se com todas as dificuldades a gente já era alegre, imagine agora; vamos ficar mais alegres ainda". E não sem motivo, pelo menos para o "Baiano", electricista em Ibaeti, obrigado a trabalhar "a paisana" pois seu uniforme, de tão gasto, já não dava mais para o serviço: "A CHEP distribuía uniformes de 2 em 2 anos, ou mais; eu estou sem porque o meu já acabou". É que junto com a chegada da reportagem à agência, chegava o pessoal que entregava os uniformes da COPEL.

Mas apesar de todas as dificuldades, ("Eu sou do tempo, ainda, em que as luzes da iluminação pública eram ligadas uma por uma, com a varinha" — Luiz Carlos Nóbile, de Bandeirantes, com 20 anos de CHEP), o povo do Norte Pioneiro não perde, em nenhuma circunstância, o bom humor, e são estas pessoas que contam, com indistigável faceta de pioneirismo, histórias de seu serviço, de seu trabalho, as dificuldades, os dramas, e, hoje, a alegria e a esperança num futuro melhor.

Segundo Luiz Carlos Nóbile, "casos com consumidor tem todo o dia, mas a gente escuta, dá um jeito e contorna; o consumidor mais bravo nunca chega a passar para o lado de cá do balcão, e nem eu sou louco de passar para o lado de lá; então, na conversa a gente resolve". Problema mesmo, enfrentou o Orlando, electricista, que foi desligar um consumidor relapso e não pode executar o serviço por motivo de força maior: "O cano de um 38 na minha cara". Orlando acredita que o consumidor devia estar embriagado naquele momento, pois "hoje até somos amigos". O problema? Foi resolvido na polícia, assim como o foi, também, um problema semelhante ocorrido com Gilberto Salamanca, de Uraí: "Um consumidor não pagou a conta e eu, imediatamente, providenciei o desligamento; ao chegar no domicílio dessa pessoa, ele prometeu pagar, e me pediu, e implorou. Comovido, acreditei na boa-fé dele e não fiz o desligamento. No mês seguinte, vendo que ele não havia pago nem aquela fatura nem a do mês seguinte, fui lá e retirei o medidor. Pouco depois, ele telefonou aqui para a agência e, com muita sutileza, ordenou: 'Ou você põe o medidor de volta ou eu estouro os seus miolos'. Dei queixa na polícia e pedi proteção. Mais tarde, vim a saber que este consumidor era um bandido, em liberdade condicional". E afinal, ele pagou? "Que nada; continuou em débito até que o dono da casa (esse consumidor era inquilino) vendeu-a para um outro, e ele teve de mudar-se".

O MACACO DE WENCESLAU

Há cinco anos como electricista em Wenceslau Braz, Ivanil dos Santos sabe bem como é realizar seu serviço quando não se tem o mínimo de equipamento à disposição. Ele e outro colega tinham de dividir uma única escada para o trabalho, e quando um saía para atender uma solicitação com a escada — que, por sinal, tinha de carregar nos ombros — o outro tinha de "se virar". Nesse ritmo, Ivanil desenvolveu certas habilidades, mais apropriadas para um artista de circo que, propriamente, para um electricista: "Eu corria, embalava, e punha as solas dos pés no poste, ao mesmo tempo em que o abraçava; assim começava a minha 'escalada', subindo de quatro que nem escador de coqueiros. Quando chegava lá em cima, prendia o cinto e fazia o trabalho. A gente tinha de dar uma de macaco, assim, de vez em quando, senão o serviço não saía".

Além da precariedade de equipamentos, que agora passa a ser coisa do passado, o próprio fornecimento de energia para a cidade também era motivo de preocupação: "Quando o padre de Siqueira Campos, aqui pertinho, fez uma festa, há umas três semanas, faltou luz aqui; quando estava anoitecendo, lá pelas 6 da tarde, o padre acendeu as luzes do pátio da igreja, para continuar a quermesse; no que ele acendeu a luz lá, caiu tudo aqui. A tensão não se aguentava em pé".

Foi na COPEL a terceira reunião da IRSEC — Integração de Recrutadores e Seleccionadores de Empresas da Grande Curitiba, realizada no dia 13 de novembro último. Irsec é uma organização que tem a finalidade de congregar pessoas que estejam ligadas a áreas de recrutamento e seleção de pessoal, nas empresas.

Entre os objetivos, destacam-se: congregar os recrutadores e seleccionadores de pessoal, a fim de formar consciência de classe e dotar os participantes de recursos técnicos e métodos de recrutamento e seleção mais aplicáveis às suas empresas; promover intercâmbios e informações sobre candidatos a emprego; assistir os participantes, nos planejamentos, na implantação, administração e execução de trabalhos referentes ao recrutamento e seleção; e promover pesquisas, palestras, conferências e debates sobre técnicas de recursos humanos.

A entidade conta com a participação de 21 empresas e já vem apresentando resultados satisfatórios e promissores, apesar do pouco tempo de existência.

Outras empresas mais interessadas e ligadas ao assunto, poderão filiar-se à IRSEC que já está em fase final de elaboração dos estatutos que regerão a associação.



LEÃO PERSEGUE VEÍCULO DA COPEL

Esta história é verdadeira e mereceria registro na publicação "O Impossível Acontece".

O "lanço" aconteceu no Noroeste do Paraná, numa cidadezinha denominada Itaúna do Sul, na tarde ensolarada do dia 12 de novembro último. Uma companhia circense se preparava para uma temporada naquela e em outras cidades da região e seu pequeno comboio de veículos já adentrara ao perímetro urbano. Um último veículo, retardatário, tracionava uma jaula com três leões. Numa das raras curvas da estrada, um automóvel Fiat, da TELEPAR (escritório de Loanda), com dois ocupantes, chocou-se com o reboque fazendo com que a jaula caísse sobre o veículo, oferecendo condições para que as feras ganhassem a liberdade.

Logo após a fuga dos animais, segundo consta na imprensa de Paranavaí, os ocupantes do Fiat foram socorridos por estranhos. Feridos, devido ao impacto da jaula sobre o veículo, deveriam ser conduzidos à cidade de Nova Londrina para serem atendidos num hospital local.

Os três leões, no entanto, continuaram à solta nas proximidades. Nem bem acabavam de ser atendidos os funcionários da TELEPAR, chegava também ao local uma viatura da COPEL — o Volkswagen Sedan V1025 — com os funcionários Joel Francisco Ribeiro e Cláudio Luiz Tissot, ambos do SD do Escritório de Distribuição de Paranavaí.

A história, desse ponto em diante, quem conta é Cláudio Luiz Tissot:

"Aproximamo-nos do local com o veículo e ouvimos o apelo de um dos funcionários da TELEPAR para que avisássemos o escritório dessa Empresa em Loanda, por telefone, sobre o acidente. Vimos dois leões próximos à jaula quebrada, mas não observamos um terceiro, mais distante. À medida que o Passat que prestou socorro aos feridos se distanciava, dirigimos nosso veículo em frente fazendo um pequeno contorno para nos afastarmos dos leões que tínhamos visto. Nesse pequeno contorno, aproximamo-nos do terceiro leão sem percebê-lo. Ele era o mais assustado. Tanto que avançou contra o nosso veículo, danificando-o. Pegos de surpresa, nossa reação foi acelerar e fugir do local. O barulho da aceleração, no entanto, assustou-o mais ainda. Aí o que aconteceu é o que todos já sabem: o leão saiu em nossa perseguição e só desistiu porque depois de cem ou cento e cinquenta metros o veículo alcançou velocidade maior".

Refeitos do susto, Tissot e Joel têm hoje muito a contar sobre o episódio. Ante a proximidade da época das declarações de renda, já estão até ensinando interessados sobre como se escapa do "leão"...

LIVROS NOVOS

A Biblioteca da Empresa acaba de incorporar ao seu acervo 195 novos volumes, que foram expostos durante a semana em que foi comemorado o 27º aniversário da Companhia, na III Exposição de Novos Livros.

Todas as obras têm por temas áreas técnicas com aplicação em serviço, como Engenharia Elétrica, Administração, Estatística, Economia, Direi-

to e outras, sendo que 90% das novas aquisições são escritas em português.

À Exposição, compareceram cerca de 150 pessoas, que conheceram — em primeira mão — os novos títulos, agora já incorporados aos 4 mil outros — fora normas técnicas, revistas, relatórios e trabalhos — que compõem o acervo da Biblioteca da COPEL.



AQUISIÇÕES DA BIBLIOTECA

ADMINISTRAÇÃO

ALEXANDER HAMILTON INSTITUTE. *La delegacion: el secreto del éxito del ejecutivo.* c1981. 83 p.

BAUVIN, G. *A informática a serviço da gerência.* 1975. 99 p.

CAUTELA, A. L. & POLLONI, E. G. F. *Sistemas de informação da administração de empresas.* 1980. 190 p.

DECONTO, V. R. R. & STOLTZE, C. de C. *Formação de uma estratégia governamental.* 1980. 77 p.

EHRlich, P. J. *Avaliação e seleção de projetos de investimento: critérios quantitativos.* 1979. 184 p.

KAHN, H., comp. *O futuro da empresa.* 1975. 152 p.

ENGENHARIA ELÉTRICA

BOCCHETTI, P. & MENDEL, C. A. *Corrente alternada.* 1979. 210 p.

CAVALCANTI, P. J. M. *Fundamentos de eletrotécnica para técnicos em eletrônica.* 1980. 218 p.

DIRECTOR, S. W. *Circuitos elétricos.* 1980. 666 p.

FEINBERG, R., ed. *Modern power transformer practice.* 1980. 359 p.

JOHNSON, W. C. *Linhas de transmissão e circuitos.* 1980. 360 p.

LAITHWAITE, E. R. & FRERIS, L. L. *Electric energy: its generation, transmission and use.* 1980.

MCPARTLAND, J. F. *Como projetar sistemas elétricos.* 1979. 343 p.

ESTATÍSTICA

FONSECA, J. S. da. & MARTINS, G. de A. *Curso de estatística.* 1981.

THOMAS, J. J. *Introdução à análise estatística para economistas.* 1978. 294 p.

PARANÁ — POPULAÇÃO

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Sinopse preliminar do censo demográfico, IX Recenseamento Geral do Brasil-1980-Paraná.* 1981. 109 p.

SECRETÁRIAS

BERTOCCO, N. & LOYOLA, A. S. *Secretária: profissão, carreira, técnica.* 1980. 165 p.

AMIGO DE ESCOTEIRO

Lindolfo Zimmer, Diretor de Engenharia e Construções recebeu, no início de novembro, um diploma de "AMIGO DO GRUPO" dos escoteiros São Judas Tadeu de Curitiba.

A entrega foi feita por Lúcia Russ e João Vincentini Filho, em nome do grupo, em reconhecimento por serviços prestados.



REUNIÃO DA DAD

Este registro mostra um aspecto do que foi o encontro de Gerentes da Diretoria Administrativa, acompanhados de seus cônjuges, na sede social da Fundação Copel, em Campo Comprido.

Da reunião constaram jogos de salão, onde todos puderam participar e mostrar as qualidades, e finalizou com um jantar de confraternização, à base de 'vatapá'.

É um exemplo a ser seguido.

1º SIMPÓSIO INTERNO DE USUÁRIOS DE APL.



No sentido de promover um maior intercâmbio de experiências entre as áreas administrativa, financeira e comercial da Empresa, realizou-se nos dias 24, 25 e 26 de novembro, o 1º Simpósio Interno de Usuários de APL. Esta realização foi coordenada pelo SSP/DPSG - Departamento de Sistemas e Informações Gerenciais.

Durante a realização do simpósio foram discutidas técnicas especiais de programação em APL tais como uso de processadores auxiliares e analisado o comportamento da rede de terminais da Empresa, obtendo-se soluções conjuntas entre processamento de dados e usuários, na otimização do uso dos recursos computacionais.

EXPOEME

Paralelamente à realização do VI ENSEMME, esteve aberta à visitação pública no saguão do edifício do SESI, uma exposição de painéis fotográficos e estatísticas, além de maquetes, das empresas vinculadas ao Ministério das Minas e Energia e empresas estaduais concessionárias de serviços públicos com atividades nas áreas de energia e mineração.

A EXPOEME pretendeu mostrar tudo o que tem sido feito, ultimamente, no campo energético em todo o Brasil, seja na utilização de fontes convencionais - hidroeleticidade, petróleo, carvão -, seja no trabalho de pesquisa, implantação e utilização de novas fontes - álcool, energia nuclear, lenha e outros.

A exposição foi aberta no dia 23 de novembro pelo Ministro Cesar Cals, das Minas e Energia e pelo Governador Ney Braga, estendendo-se até o dia 27.



ENCONTRO DE SECRETÁRIOS DE MINAS E ENERGIA

Durante dois dias o Ministro César Cals, os Governadores do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, respectivos Secretários para as áreas de Minas e Energia, diretores de empresas do Sistema MME e representantes de empresas regionais ligadas ao assunto, estiveram reunidos em Curitiba (dias 23 e 24 de novembro), com o objetivo principal de compatibilizar as políticas do Ministério das Minas e Energia com os interesses dos governos estaduais.

A coordenação desse VI Encontro de Secretários de Minas e Energia – ENSEMME, ficou a cargo da COPEL, que, ao final dos dois dias de debates e estudos, viu expedido o Aviso de Prioridade Setorial para a construção da hidrelétrica Segredo, com início de operação previsto para 1988.

O Paraná obteve outras conquistas nos pleitos apresentados – ao todo, foram 19, nas áreas de energia e mineração.

A COPEL propôs a isenção do Empréstimo Compulsório à Eletrobrás para os industriais que efetuarem a substituição do combustível derivado de petróleo por energia elétrica, tanto sazonal não garantida quanto garantida por tempo determinado. Embora não totalmente, a sugestão foi acolhida pelo MME, com a redução da alíquota em cerca de 70% (de 33 para 10%).

Com referência à concessão de recursos do Governo Federal à COPEL para executar extensões de redes de energia elétrica para atendimento de moradias de populações radicadas em áreas



A abertura do ENSEMME foi feita com os hasteamentos das Bandeiras do Brasil, dos três Estados do Sul e de Curitiba. Pela ordem, Amaral de Souza, Governador do Rio Grande do Sul; Ney Braga, Governador do Paraná; Cesar Cals, Ministro das Minas e Energia; Jorge Konder Bornhausen, Governador de Santa Catarina e Jaime Lerner, Prefeito Municipal de Curitiba.



Cesar Cals proferiu palestra sobre a Política Energética Brasileira, com o balanço das atividades do Ministério das Minas e Energia e perspectivas do setor para os próximos anos.

periféricas de cidades, vilas e povoados, em núcleos não qualificados como favela, mas de baixa renda, a Companhia Paranaense de Energia foi atendida – os recursos serão incluídos no orçamento da Eletrobrás, no próximo ano.

O Ministro César Cals autorizou enviar para estudos da Eletrobrás e atendimento posterior, a liberação de recursos do Programa de Mobilização Energética, para prosseguir programas de eletrificação rural no Estado e continuação dos estudos de inventários do potencial energético de bacias paranaenses. Enviado para estudos da Eletrobrás, também, o financiamento para o programa de melhorias do sistema elétrico do Norte Pioneiro.

Autorizado para 1982 o financiamento complementar da Eletrobrás para cobrir sua participação financeira na construção da Usina Governador Bento Munhoz da Rocha Netto (Foz do Areia).

O ENSEMME foi realizado no auditório do SESI e reuniu uma centena de técnicos dos três Estados da Região Sul, ligados ao setor de energia e mineração.



No encerramento o Ministro das Minas e Energia anunciou os resultados do Encontro de Secretários. Na foto, Oswaldo Baumgarten, Diretor Geral do DNAEE, Cesar Cals, Ney Braga, José Costa Cavalcanti, Presidente da Eletrobrás e da Itaipu Binacional e Paulo Procopiak de Aguiar, Presidente da COPEL.

COPEL COORDENOU SELAB

Com o apoio do Ministério das Minas e Energia, a COPEL coordenou, de 19 a 23 de outubro último, o II Seminário Latinoamericano de Bioenergia - SELAB, promovido pela Organização Latinoamericana de Energia - OLADE. O objetivo básico é estabelecer um intercâmbio de idéias e informações na comunidade da América Latina, ao mesmo tempo em que dinamiza a formação de uma política regional quanto a utilização de recursos naturais de geração de energia, o Seminário reuniu mais de 80 técnicos em bioenergia, dos quais mais de 50 estrangeiros, representando 21 países.

Estavam presentes à solenidade de abertura do Seminário, no auditório da Empresa, o Ministro César Cals, o Governador Ney Braga, o Presidente da COPEL, Paulo Procopiak de Aguiar, o Prefeito de Curitiba, Jaime Lerner, e o Secretário Executivo da OLADE, Gustavo Rodríguez Elizarrarás.

Falando na oportunidade, o Presidente Paulo Aguiar destacou a importância da conjugação de esforços dos países latinoamericanos, "no sentido de favorecer a utilização mais eficiente dos novos recursos energéticos e mesmo daqueles que retornam, após a crise, à primeira linha das chamadas alternativas não convencionais". Chamou a atenção, também, para a conveniência da utilização de "tecnologias mais simples, que utilizem menos capitais e mais recursos humanos como opção de energéticos" para os países menos industrializados, cujas populações rurais respondem por grande parcela do total.

Defendendo a formulação de uma política de substituição do petróleo voltada mais para a condição de países pouco industrializados, que não poderiam absorver as soluções apontadas e adotadas por países que empregam mais a tecnologia e menos a mão de obra, Aguiar afirmou que "cabe aos países em desenvolvimento da América Latina ampliar, diversificar e intensificar seus esforços no sentido de assegurar graus progressivos de avanços, notadamente na área de energia, mais compatíveis com as suas condições sócio-econômicas".

Nesse sentido, destacou o que já vem sendo feito no Paraná no campo da exploração de fontes renováveis: a hidroeletricidade e os recursos de biomassa, além da participação no Proálcool, e os programas de pesquisa e aproveitamento consignados no Plano Energético do Estado, "que reflete a grande preocupação do Governador Ney Braga no sentido de que o Paraná colabore eficazmente no árduo esforço nacional de ajustamento à crise do petróleo, orientado pelo Ministro das Minas e Energia, sob a liderança de seu titular, César Cals", finalizou.



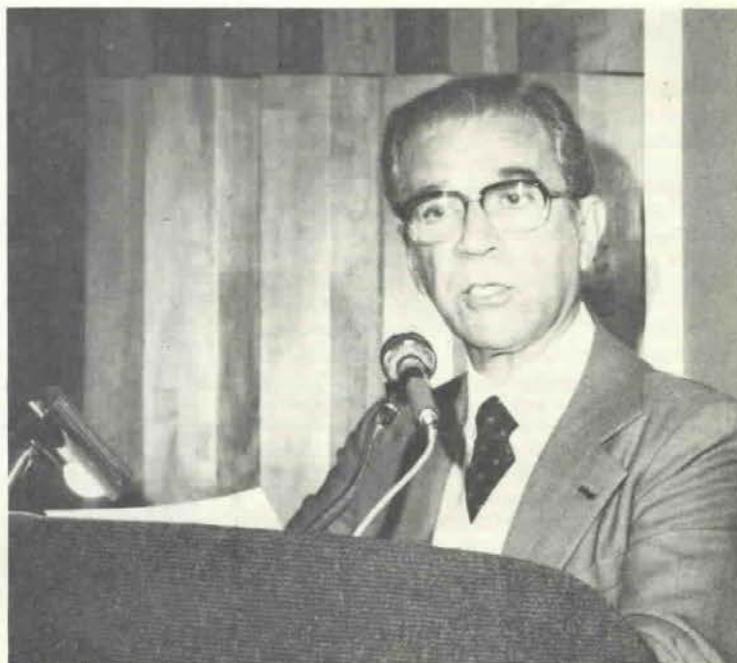
Na abertura do Seminário, a mesa diretora dos trabalhos: Pedro Demeterco, Paulo Aguiar, César Cals, Ney Braga, Jaime Lerner e Gustavo Elizarrarás.



Aspecto da solenidade de abertura



Gustavo Rodríguez Elizarrarás, Secretário Executivo da OLADE



Ney Braga, em sua saudação às delegações visitantes